

seres vivos (zoa) e objectos do mundo, conhecidos através de pistis (fé): O mundo inteligível (noeta) tem também dois setores proporcionais a estes, o inferior e o superior, o primeiro aprendido através da dianóia («entendimento» ou «razão discursiva»). Nesta última distinção poderá residir, como alguns supõem, a finalidade principal da analogia: o contraste entre o conhecimento pela dianóia, que é o das ciências, e o que é pela noesis, que é o da filosofia. Mas não é menos importante a antinomia entre opinião e saber, entre doxa e sophia, que tínhamos visto ao terminar do Livro IV e vai tomar forma nítida na alegoria da Caverna (VII. 514a-518b):

Homens algemados de pernas e pescoços desde a infância, numa caverna, e voltados contra a abertura da mesma, por onde entra a luz de uma fogueira acesa no exterior, não conhecem da realidade senão as sombras das figuras que passam, projectadas na parede, e os ecos das suas vozes. Se um dia soltassem um desses prisioneiros e o obrigassem a voltar-se e olhar para a luz, esses movimentos ser-lhe-iam penosos, e não saberia reconhecer os objectos. Mas se o fizessem vir para fora, subir a ladeira e olhar para as coisas até vencer o deslumbramento, acabaria por conhecer tudo perfeitamente e por desprezar o saber que se possuía na caverna. Se voltasse para junto dos antigos companheiros, seria por eles troçado, como um visionário; e quem tentasse tirá-los daquela escravidão artiscar-se-ia mesmo a que o matassem.

Antes de iniciar a alegoria, no começo do Livro VII, Platão dissera expressamente que se tratava de dar a conhecer o comportamento da natureza humana, conforme ela é ou não submetida à educação (VII. 514a). Ora, o modo como esta há-de processar-se constitui o tema central do Livro.

Deve notar-se em primeiro lugar que o curricularum que se propõe visa «a disciplina mental e o desenvolvimento do poder

de pensamento abstracto»⁷⁵. Por isso, temos em sucessão os vários ramos então conhecidos⁷⁶ da matemática (incluindo um acabado de criar, e ainda sem nome, a futura estereometria), desligados, como sublinha o próprio texto, das suas aplicações práticas (VII. 525b-d). Temos, assim, como base, a aritmética que «facilita a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência» (VII. 525c); a seguir, o espaço a duas dimensões, ou geometria plana; em terceiro lugar, o espaço a três dimensões, por meio da estereometria; a astronomia estudada os corpos sólidos em movimento; e a harmonia, o som que eles então produzem. Trata-se, portanto, de um ensino essencialmente formativo. Todas estas ciências têm por missão preparar o espírito para atingir o plano mais elevado: a dialéctica, cujo fim é o conhecimento do Bem (VII. 533b-e). Para o seu aprendizado, seleccionaram-se os mais bem dotados, quando atingem a idade de trinta anos (VII. 537d), como anteriormente tinham sido escolhidos, aos vinte anos, os que haviam de encetar uma educação superior (VII. 537b-e).

Eis o modo como Platão a define:

O método da dialéctica é o início que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de todo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos.

(VII. 533c-d)

⁷⁵ A frase é de P. Shorey, *What Plato Said*, p. 236.

⁷⁶ Os fundamentos da álgebra só foram lançados no séc. III d. C., por Diofanto, numa obra intitulada, aliás, *Aritmética*. O nome e a notação que lhe é própria foram-lhe dados posteriormente pelos Arabes.